

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

---

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**2011-2013**

**Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana**

**Apresentado por: Rafaela Frade Reis**

**Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini**

**BRASÍLIA, 2013**

# **A FEMINILIDADE E O MASOQUISMO NA ATUALIDADE**

**Apresentado por: Rafaela Frade Reis**

**Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini**

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                           | <b>4</b>  |
| <b>Justificativa e objetivo.....</b>             | <b>5</b>  |
| <b>Metodologia.....</b>                          | <b>7</b>  |
| <b>Revisão de literatura</b>                     |           |
| <b>(i) Édipo feminino.....</b>                   | <b>7</b>  |
| <b>(ii) Disposição passiva e masoquismo.....</b> | <b>9</b>  |
| <b>(iii) Masoquismo na atualidade.....</b>       | <b>12</b> |
| <b>(iv) Cinquenta tons de cinza.....</b>         | <b>13</b> |
| <b>Conclusão.....</b>                            | <b>14</b> |
| <b>Referência Bibliográfica.....</b>             | <b>16</b> |

## **Introdução**

A importância da sexualidade na estruturação psíquica dos indivíduos foi apresentada por Freud no início do século passado. Freud, se dedicou profundamente ao atendimento de mulheres que sofriam de histeria. James Strachey, tradutor da edição inglesa de “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1895), escreveu as notas dessa edição sobre o percurso histórico de Freud no tratamento dessa enfermidade. Após voltar dos estudos com Charcot em Paris, Freud abriu uma clínica em Viena para o tratamento de doenças nervosas. A clientela era em sua maioria mulheres e Freud se utilizou dos aprendizados com Charcot para aprimorar o tratamento. Segundo Strachey, Freud apesar de ter utilizado métodos tradicionais no tratamento dessas enfermidades como hidroterapia, a eletroterapia, massagens e a cura pelo repouso, não obteve sucesso. Frente a isso ele decidiu iniciar o tratamento por meio da hipnose e por fim dar início ao método catártico o qual descreve no trabalho de 1895. “Estudos sobre histeria” (1895) se tornou alvo de muitas críticas na época, porém não se pode negar sua importância para a discussão do tema.

Apesar de ter sido com pacientes mulheres que Freud dedicou grande parte de sua clínica e de suas publicações de casos, é curioso o fato do Édipo feminino não ter sido tão esclarecido quanto o masculino em sua obra. O próprio autor reconhece a dificuldade de se falar desse assunto devido à sua complexidade (Freud, 1931).

Kehl (2008) defende que a insistência deste não-saber por parte de Freud pode ser compreendida como um mecanismo de defesa, uma negação. Ela aponta que Freud recorreu ao enigma do querer feminino para manter-se ignorante daquilo que ele mesmo não queria descobrir. Kehl (2008) justifica essa interpretação:

“A recusa das histéricas em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e sexualização deve ter criado uma crise para o próprio Freud, uma vez que – como veremos na leitura de suas cartas à noiva Marta Bernays - também ele compartilhava do 'ideal admirável a que a natureza destinou as mulheres' ” (p.183).

Para essa autora, Freud se recusava a dar continuidade às suas descobertas, apesar de já ter explicitado ao mundo a mínima diferença existente entre homem e mulher. Foi ele quem primeiramente constatou que ninguém é desde a origem, homem ou mulher. Assim, não se deve ignorar o valor cultural disseminado à época de Freud que pregava uma “natureza feminina”, algo que seria essencial e comum em todas as mulheres. Entre essas características atribuídas a

elas estava a passividade e fragilidade. Nunes (2000) descreve que esta essência feminina imposta culturalmente também via as mulheres como seres capazes de suportar o sofrimento, injustiças e subjugações. Essas características contribuíram para que a sociedade acadêmica da época pensasse sobre a mulher com uma essência masoquista. O próprio parto era interpretado como o momento de sublimação feminina, ligando a dor ao prazer e satisfação do desejo fálico feminino.

Freud desenvolveu a teoria do masoquismo ligando-o aos conceitos de feminilidade, o que, para Nunes (2000) transparece a clara ligação da mulher ao masoquismo difundida na época. Entretanto, a autora reconhece que nos últimos textos freudianos há um descolamento do conceito de feminino com o de mulher, associando o primeiro como uma posição de subjetivação independente do sexo do indivíduo.

Portanto, com o desenvolvimento da psicanálise, Freud e outros psicanalistas pós-freudianos puderam ter uma visão mais clara do que é o Édipo nas meninas e suas particularidades no processo de estruturação psíquica das mulheres. O próprio termo feminilidade ganha novas conotações, assim como o conceito de masoquismo.

### **Justificativa e objetivo**

Freud, em 1908, demonstrou que a sociedade atribui às mulheres uma série de características comportamentais e atitudinais. Em *Moral sexual civilizada e doença moderna* Freud denuncia a educação da sociedade ocidental como um fator de adoecimento, principalmente para mulheres. Ele destaca que essa cultura de supressão dos instintos acaba transformando as mulheres em pessoas frígidas por não permitir que elas vivenciem sua sexualidade de maneira mais livre. Freud (1908) chama de injustiça o fato de haver uma pressão social sob a conduta sexual dos indivíduos, exigindo que esta seja idêntica para todos os humanos, ou seja, a cultura impõe uma uniformidade o que provoca um sacrifício psíquico em muitos sujeitos.

Um século após esse discurso freudiano, nos deparamos com algumas transformações culturais também implicadas no comportamento sexual dos sujeitos. Patrícia Matos (2006) realizou um estudo em que questiona a mudança de pensamento em relação às mulheres brasileiras na atualidade. Segundo a autora existiria uma mudança no campo do discurso que não é compatível com o contrato cultural caracterizado por ela como “pré-reflexivo, inarticulado e

opaco” entre homens e mulheres. Ela justifica essa colocação pelas falas dos sujeitos entrevistados na pesquisa desenvolvida por essa autora (mulheres da classe média e baixa), que apresentavam um discurso voltado para as lutas pela igualdade de direitos e o também um discurso feminista da liberdade sexual. Entretanto Matos (2006) percebe a presença de uma relação sexista, onde a mulher se sentia constrangida em falar da quantidade de parceiros sexuais e também em casos de infidelidade. Mesmo na classe média, onde a repressão machista é menor, as mulheres entrevistadas relataram o receio de serem julgadas como “galinhas” ao mostrarem um interesse sexual casual, comum aos “homens”, como elas mesmas se referiram.

Esse estudo mostra que apesar de todo um discurso de liberdade sexual que ganhou força desde a modernidade, os valores culturais ainda são bem diferenciados para homens e mulheres, influenciando na maneira de pensar o comportamento sexual para os dois gêneros.

Recentemente um livro chamado *Cinquenta tons de cinza* da autora E. L. James se tornou um *best-seller* mundial. O livro se baseia em um romance em que os personagens principais adotam a posição de um sádico e de uma masoquista. Entende-se aqui por sádica a posição de obtenção de prazer frente a dor ou a destruição de um objeto; e por masoquista a de sensação de prazer frente a dor vivenciada pelo corpo (Freud, 1924). Entretanto, uma definição de masoquismo mais ampla proposta por Birman (2000) se também se aplica a este caso: “Na posição masoquista, o sujeito se agarra e se cola a um outro, oferecendo a este, em contrapartida, seu corpo como objeto de gozo, para assim evitar, custe o que custar, a experiência do desamparo” (p.50).

Birman (2000) descreve o masoquismo como uma posição comumente presente na sociedade atual. Segundo este autor, a evolução do individualismo na sociedade moderna, que prega a cultura do narcisismo e a destruição das utopias em nome de uma racionalização do social, provocou o desespero e a busca de soluções aliviadoras do desamparo humano. Assim, para não terem que lidar com a angústia, os sujeitos assumem uma posição masoquista, servindo de gozo para o outro, ou seja, “o outro se reduz à condição de um corpo para ser usufruído e devastado pela apropriação perversa” (Birman, 2000, p.278). Essa posição acaba tornando impossível a emergência da alteridade.

Considerando a grande contribuição de Freud no estudo do masoquismo, a relação entre masoquismo e feminilidade segundo a psicanálise e o conceito de masoquismo na atualidade de

Birman (2000), acredito que o presente estudo possa trazer contribuições para o campo da psicanálise.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada foi a análise das principais obras freudianas que abordam o tema da sexualidade feminina, como também de autores pós-freudianos e a leitura da obra literária atual, chamada *Cinquenta tons de cinza* (2012), da autora Erika Leonard James.

## **Revisão de Literatura**

### **(i) Édipo feminino**

Para Freud (1931), a menina passa por um processo edípico particular e complexo. Em um primeiro momento, ela tem como objeto amoroso a mãe. Isso se deve ao fato de a mãe ser a pessoa que a nutre, cuida e inicia sua sexualidade através dos cuidados e estimulações de zonas erógenas (Freud, 1905). Entretanto, ao se deparar com a diferença sexual, ou seja, com a ausência do pênis na mãe, a menina tem três possíveis formas de desenvolver seu processo edípico. Na primeira, “a menina insatisfeita com seu clitóris, abandona a sua atividade fálica e, com ela sua sexualidade em geral, bem como parte de sua masculinidade em outros campos.” (Freud, 1931, p 237-238.). Na segunda, a menina “leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada” (Freud, 1931, p. 238). Ou seja, ela permanece em uma fantasia de ser um homem ou de ter um dia um pênis. Freud denominou esse desenvolvimento como “complexo de masculinidade”. E, por fim, na terceira a menina “toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo” (Freud, 1931, p.238). Dessa forma a menina se conforma que sua demanda não pode ser atendida, aceitando a sua falta. Freud atribui a esse desenvolvimento o status de desfecho que possibilita a constituição da sexualidade feminina.

Ao descobrir a existência dessa diferença sexual, a menina inicia o processo de troca de objeto, indo da mãe ao pai. Essa passagem se dá quando a menina percebe a castração na mãe, e, de certa forma, a própria ausência do falo em si. A menina então desvaloriza o personagem materno e a responsabiliza por sua própria falta. Assim, ela se volta a um novo objeto de amor, o pai, visando que este possa um dia lhe oferecer aquilo que sua mãe não pode lhe dar.

Em 1931, Freud confessa que, apesar de seus estudos clínicos, a sexualidade feminina não é totalmente esclarecida. Há um mistério que envolve a sexualidade feminina que ele destaca na *Conferência XXXIII*. Contudo, Freud (1931) fez uma grande descoberta que pôde clarear o Édipo feminino e ampliar a discussão sobre esse assunto. Freud notou que os casos onde a mulher mantinha uma ligação muito intensa com o pai (não necessariamente sendo esta mulher uma neurótica no sentido patológico da palavra), a intensidade da relação era também observada no período anterior, ou seja, voltada para a mãe. Assim, a relação com o pai refletia a paixão da fase anterior, dirigida à mãe. A mãe se torna uma figura central no desenvolvimento da sexualidade feminina já que essa relação primária será a base para as novas relações de amor.

Zalberg (2003) destaca a importância da mãe ao representar dois papéis: o de mãe e o de mulher. A relação entre filha e mãe se torna algo intenso, pois as duas compartilham de algo específico da sexualidade feminina. Zalberg (2003) explica que, segundo Lacan, a menina deve voltar-se para a mãe para elaborar os vínculos que a prendem à ela, pois as duas tem uma parte de si mesmas pertencentes ao campo da especificidade feminina, do enigma das mulheres.

Refletindo, comparativamente, para os meninos a ameaça de castração é o motor da saída do Édipo, enquanto que para as meninas, a mudança de objeto de amor simboliza a entrada no processo edípico. Segundo Zalberg (2003), a menina se depara com a ausência de um significante da sexualidade feminina, o que no menino corresponde ao falo. Assim, a mulher pode buscar diferentes saídas para seu Édipo, como apresentadas por Freud e descritas acima. Dentre essas saídas, Zalberg (2003), destaca a possibilidade de procurar um substituto fálico para a falta desse significante atribuindo essa função aos filhos que virão.

Kehl (2008), no entanto, apresenta outra compreensão dessa questão. Segundo essa autora, apesar do pênis constituir o símbolo fálico nas teorias sexuais infantis e os homens o possuírem no corpo (campo imaginário), os homens persistem continuamente na busca para ultrapassar a dimensão imaginária do falo e conquistar outros atributos que a cultura valoriza e oferece no campo do simbólico. Ou seja, simbolicamente homens e mulheres se veem diante da mesma busca:

“Exatamente porque a castração - no homem, na mulher, no Outro - está na base de todo o laço social e de toda fala dirigida a alguém, ela é condição da relação analítica - a começar do próprio analista, já que a castração no Outro (cujo saber o analista encara no início de uma análise é condição da castração do sujeito. Por outro lado, exatamente pela



mesma razão, o falo, simbolizável a partir de qualquer objeto ao qual uma cultura atribua valor, não pertence a sujeito nenhum, mas está ao alcance de todos” (Kehl, 2008, p.190).

Kehl (2008) explica que justamente por perceber a falta materna e também a falta do pênis na mãe é que o bebê elege-o como falo número um da série de representações imaginárias que o sucederá de acordo com a cultura. Assim, a presença do falo, como representante da sexualidade masculina, também marcaria sua ausência.

A autora acredita que Freud se prendeu à análise da sexualidade nos limites do corpo feminino devido à influência cultural de sua época, que pregava a idéia da natureza feminina ligada à passividade, delicadeza, fragilidade e inferioridade.

## (ii) **Disposição passiva e masoquismo**

O conceito de feminilidade em Freud está intrinsecamente relacionado à noção de passividade. Em uma nota acrescentada em 1915 nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud esclarece a existência de pelo menos três diferentes sentidos para os termos feminilidade e masculinidade. Segundo o autor, os sentidos atribuídos podem ser de origem biológica, sociológica e por fim, de passividade e atividade, que é o sentido utilizado pela psicanálise. O desenvolvimento desse conceito para a psicanálise se deu com base na oposição ativo-passivo que sustentou grandes avanços na teoria da sexualidade formulada por Freud.

Freud (1931) reconhece que tanto em meninos quanto em meninas, os impulsos passivos e ativos estão presentes. Como descrito acima, o que acontece com as meninas no Édipo, é que quando percebem que sua mãe não possui o falo, atribuem à mãe a culpa por elas mesmas não possuí-lo. Os impulsos ativos e agressivos são então dirigidos à mãe, enquanto o pai recebe os impulsos passivos. O seu objeto de amor original- a mãe- é então substituído por um novo objeto, o pai. Este, que para ela seria capaz de lhe dar o que ela tanto busca, pois há um desejo de através dele obter um bebê (um falo, ou um significante da sua sexualidade). Assim, Freud acreditava que com a instauração do Complexo de Édipo, a menina libera sua hostilidade endereçada à mãe, enquanto seus impulsos passivos e amorosos são endereçados ao pai.

É interessante aqui fazer uma reflexão ao conceito de identificação que se apresenta ao final do complexo de Édipo. A hostilidade e o amor, respectivamente voltados à mãe e ao pai, em um caso considerado por Freud normal, vão se transformar em identificações na saída do Édipo

com a constituição do superego e das ideias de ego dos sujeitos em questão. Kehl (2008) nos chama à reflexão de que essa identificação, como já diria Freud, pode ocorrer com os dois genitores de forma mesclada. Ou seja, o que a autora discute é que as ideias de Freud são paradoxais quando se trata deste assunto, pois ele defende que na saída “normal” do Édipo feminino deveria haver a identificação com a mãe (como se esta pudesse ser completamente feminina- passiva) e o amor pelo pai (idealmente todo masculino- ativo). A proposta da autora é que o sujeito ao sair do Édipo tenha um resultado das identificações com os genitores de forma mais dinâmica e não polarizada.

A agressividade do impulso ativo nas meninas é o que vai resultar em tendências masoquistas. Freud justifica a causa de serem encontradas mais mulheres em uma posição masoquista que homens em sua opinião na *Conferência XXXIII*:

“A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino.” (Freud, 1933, p.143-144).

É preciso voltar ao texto de 1924, *O Problema Econômico do Masoquismo*, para compreendermos melhor essa questão. Neste texto, Freud explicita o funcionamento e desenvolvimento do caráter masoquista, além de justificar porque considera o masoquismo como feminino. Ele apresenta três formas de masoquismo, a saber, erógeno, feminino e moral.

A denominação masoquismo feminino se deu, segundo Freud (1924) pelo fato das fantasias dos masoquistas serem da posição tipicamente feminina, ou seja, da condição de ser castrado. Os masoquistas fantasiam com uma punição física, como quando uma criança desobediente e indefesa deve ser punida. Além disso, em *Uma criança espancada* (1919) Freud demonstrou que a fantasia de ser surrado pelo outro, se refere na verdade a uma fantasia mais primitiva de ter com o pai uma relação sexual passiva. Essa posição passiva na relação com o pai possibilitaria que a menina em sua fantasia tivesse um filho deste pai como substituto fálico.

O masoquismo erógeno se caracteriza por ser a base fisiológica para a formação dos outros dois tipos. Freud resgata o que disse nos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), em que discute a derivação da excitação sexual dos processos interiores, assim, de certa

forma, processos que envolvem dor e desprazer que transbordem os limites quantitativos também poderiam contribuir para a excitação das pulsões sexuais. Assim, se daria o registro psíquico dessa forma de masoquismo originário. Além disso, Freud (1924) dá uma outra explicação para esse fenômeno levando em conta a importância da pulsão de morte. Essa pulsão está presente em todos os seres vivos e é responsável por tentar conduzir todos os seres à estabilidade anorgânica. Uma parte dessa pulsão, ao ser direcionada para fora, à objetos externos ganha um caráter de destruição e agressividade. Uma outra parcela também seria dirigida para fora, porém a serviço da pulsão sexual, o que resultaria no sadismo. Entretanto há uma parte que não é projetada para fora do organismo, essa parte seria fixada libidinalmente e daria origem ao masoquismo primário.

O masoquismo moral não está tão vinculado ao campo da sexualidade. Esse tipo de masoquismo, nos diz Freud (1924), se refere à necessidade de punição, ou, o que havia previamente denominado de culpa inconsciente. Seria uma necessidade do Ego de ser punido fortemente pelo Superego em determinadas situações, não estando necessariamente vinculada à relações amorosas.

Para Nunes (2000) Freud, ao nomear masoquismo feminino, reafirmava o ideário do século XIX, que colocava a mulher em uma posição submissa em suas relações sociais. Concomitantemente, ao apresentar a dimensão erógena do masoquismo, a autora defende que Freud abriu as portas para uma nova concepção mais real do que seria o masoquismo em si. Dessa maneira, o masoquismo poderia ser interpretado como uma forma de sublimação. Nunes (2000) acredita que “o masoquismo feminino seria uma defesa contra o masoquismo erógeno que estaria fortemente associado à experiência de desamparo e à dependência da criança em relação a um outro que satisfaça suas necessidades” (p.218), assim, frente ao desamparo, o sujeito se colocaria em uma posição submissa em uma relação com o outro a fim de encontrar um suporte imaginário para sua angústia.

Em relação às mulheres, Nunes (2000) justifica a maioria delas adotar esse tipo de posição no século XIX devido às possibilidades escassas de sublimação oferecidas culturalmente. Sendo assim, ao se oferecer como objeto do gozo masculino, a mulher se protegia do desamparo e acabava produzindo o mesmo efeito no homem, reassegurando-o de sua potência, além de abrir uma via de satisfação sexual.

(iii) **Masoquismo na atualidade**

Birman (2000) realizou uma análise interessante da atualidade fazendo um paralelo com o texto *Mal-estar na civilização* de Freud (1930). Birman (2000; 2007) aponta para o perigo das formas atuais de subjetivação. Segundo o autor, as formas clássicas de doenças nervosas se tornaram raras. Os conflitos passaram a ser não mais interiores, mas intrapessoais, no campo do social. Desta forma, as performances e a estetização se sobrepõem ao discurso entre os indivíduos. Isso, segundo o autor é o produto da atualidade, que ao contrário da época de Freud, onde a sociedade reprimia os instintos de modo a provocar um mal-estar individual vindo do campo do privado, a nossa sociedade atual prega a publicidade e a exposição exacerbada.

Utilizando do conceito de sociedade do espetáculo, desenvolvido por Debord (1967), Birman (2000) defende que há na atualidade uma forma de subjetivação que se liga à performance, utilizando a manipulação do outro como técnica de exaltação de si mesmo em nome do exercício da própria individualidade. Esses sujeitos narcísicos apoiados no individualismo pregado pelo social, se relacionariam com sujeitos masoquistas, no sentido de que estes últimos ofereceriam seus corpos como gozo do outro a fim de não lidarem com o desamparo. Birman (2000) cita a condição do desamparo descrita por Freud em o *Mal-estar na civilização* associando-o à pulsão de morte e à necessidade dos sujeitos criarem ilusões e crenças na tentativa de tamponar esse desamparo originário. Entretanto, o autor acredita que esse desamparo construído pela modernidade em nome da ciência e da racionalização, conduziu a efeitos devastadores e a um masoquismo inédito. Ele cita Nietzsche e Heidegger, com a filosofia do Deus morto e Weber com o desencantamento do mundo, como exemplos da racionalização no lugar das crenças.

Birman (2007) destaca também a transformação da família como fruto das mudanças na modernidade. As mulheres foram em busca de um novo projeto identitário além do de mãe, enquanto os homens também não voltaram para a casa para suprir a ausência materna. Segundo Birman (2007) os cuidados das crianças foram delegados a terceiros, além de que as formas de família mudaram: filhos com apenas um dos pais, pais com filhos de outro casamento, etc. Para o autor essas mudanças acabaram por influenciar as novas formas de subjetivação e perturbações psíquicas que se condensariam mais no registro do corpo. Ele defende que a passagem ao ato e os casos limites se inserem nesse contexto, evidenciando a pobreza nos processos de simbolização e ainda a perda do investimento narcísico pelo outro.

Com toda essa mudança no cenário social e intrapsíquico, Birman (2007) acredita que a marca da sociedade atual seja um vazio no centro da experiência psíquica, produzindo uma negatividade narcísica com uma fragilidade de simbolização. Assim, o masoquismo toma espaço na subjetivação atual como uma forma de escape do desamparo, ou seja, se transformando em objeto do outro, o sujeito tampona seu sofrimento ao não ter que encarar o próprio desamparo, que não pode ser elaborado pela dificuldade de simbolização.

No outro lado, estariam os sujeitos perversos, que fariam o contraponto dos masoquistas. Aqueles ofereciam a proteção que demanda o desamparo do masoquista, porém, em troca, este não teria qualquer experiência de diferença. Para os perversos as diferenças são intoleráveis e segundo Birman (2000):

“o sujeito perverso funciona como agenciador da pobreza erótica e simbólica na sociedade de massas, transformando a energia que ainda resta aos pobres do espírito em potencial de violência. Para isso, oferece para os masoquistas símbolos fálicos a que podem se colar - a sexualidade, a cor da pele, ideologia política e etc.” (p. 52).

São os casos de neo-nazistas, por exemplo. Grupos que se afirmam em nome de uma característica e não aceitam a alteridade.

#### (iv) **Cinquenta tons de cinza**

Em 2012, a trilogia *Cinquenta tons de cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade* vendeu aproximadamente 65 milhões de cópias no mundo todo, segundo a revista eletrônica *Publishers Weekly*. A mídia discutia o porquê do sucesso de um livro que falava de uma relação sadomasoquista. Todo esse movimento em torno deste livro trouxe algumas reflexões sobre a questão do masoquismo, que Freud já havia suscitado no século passado.

No romance a personagem principal, Anastasia, conhece Christian em uma entrevista realizada por ela para o jornal da faculdade. Ela era virgem, de classe média e não tinha tido relacionamentos sérios anteriores. Ele era rico, poderoso e com históricos de relacionamentos contratuais entre ele e as suas chamadas “submissas”. O relacionamento dos personagens principais se inicia como mais um desses relacionamentos em que ele propõe a assinatura de um contrato exigindo confidencialidade e poder inquestionável sobre o corpo das “submissas”. Ele se intitula “dominador” e após a assinatura do contrato, a menina autorizaria o uso do seu corpo

por ele em todos os sentidos (escolha de roupas, depilação, uso de objetos sexuais, alimentação, exercícios físicos guiados por um *personal* de escolha dele, consultas médicas por profissionais também pré-selecionados).

Esse é o início da trama, com um contrato rígido em termos de negociação que vai se suavizando com o desenvolvimento da história e o envolvimento entre os personagens. Entretanto, o poder exercido por Christian sobre o corpo da personagem principal se mantém até o final, sendo ele quem determina que carro ela terá e qual o corte de cabelo usará, por exemplo. No momento em que a relação tem um fim, mesmo que temporário, os personagens relatam um total sentimento de vazio, como se a vida não tivesse mais sentido. Anastasia deixa de se alimentar, se higienizar e de fazer qualquer outra atividade corriqueira de sua rotina. A descrição da situação em que Anastasia se encontra é a de busca pela auto-destruição e morte através da negligência consigo mesma.

Entretanto quando o relacionamento é reatado, a sua vida volta ao normal e ela retoma suas atividades de autocuidado guiadas pelo desejo de Christian. O vazio não é mais existente.

## **Conclusão**

Com a evolução da psicanálise, acompanhando as mudanças sociais advindas pelas lutas pela igualdade de gênero e inserção de novos contextos familiares e culturais, pôde-se reeditar conceitos criados no século passado na tentativa de explicar os fenômenos de subjetivações atuais, diferenciados daqueles dos textos freudianos.

Acredito que a questão da feminilidade como forma de subjetivação independente do sexo do sujeito já apresentada em Freud (1933) e reforçada em Kehl (2008), é de grande contribuição para a compreensão das subjetividades da atualidade e também do conceito de masoquismo. Passividade e atividade, feminilidade e masculinidade estariam presentes em todos os sujeitos e seriam de extrema importância para sua sexuação.

Assim, podemos aproximar o que Freud chamou de masoquismo moral no texto de 1924, com o que Birman (2000) postulou como difundido na sociedade atual. Entretanto o conceito freudiano focava na entrada do sujeito em contato com a culpa inconsciente, enquanto o conceito de Birman (2000) propõe que o masoquismo seja uma saída, ou o alívio do sentimento de desamparo. Sendo assim, essa posição em uma relação traria benefícios semelhantes aos

apresentados por Nunes (2000) em relação às mulheres do século XIX. O masoquismo encontra uma saída não patológica e adaptada ao contexto social.

Desta forma, podemos ver o caso ilustrado no livro *Cinquenta tons de cinza* como um exemplo dessa relação que evoluiu de um sadomasoquismo mais concreto (no sentido do ato sexual) para uma relação pautada no que Birman (2000) descreveu. É um jogo dos dois participantes, um se oferecendo como gozo do outro e este como alívio ao desamparo do primeiro. Assim, em termos psicanalíticos, na relação Anastasia oferece seu corpo ao gozo do outro, no caso, Christian que em troca a proporciona a supressão de sentimentos de vazio e de uma dor insuportável retratada no romance.

A ilustração do livro serve-nos como ponto de reflexão dos conceitos elaborados durante o desenvolvimento da psicanálise desde seu criador até autores mais atuais.

## Referência Bibliográfica

Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e novas formas de subjetivação*.

Birman, J. (2007). Laços e desenlaços na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), p. 47-62, São Paulo.

Freud, S. (1896) *Estudos sobre histeria*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v.2. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Freud, S. (1908) *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 9. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

Freud, S. (1919). *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 17. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Freud, S. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. Em: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

Freud, S. (1931) *Sexualidade Feminina*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Freud, S. (1933). *Novas Conferências Introdutórias: A feminilidade (Conferência XXXIII)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol.XXII, 1976.

Kehl, M.R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago.

Matos, P. (2006). A mulher moderna numa sociedade desigual. Em: Souza, Jessé (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Nunes, S.A. (2000). *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



Rachel Deahl. E.L. James: PW's Publishing Person of the Year. 30 de novembro de 2012. (Acessado em 21 de fevereiro de 2012). Disponível em:  
<http://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/industry-news/people/article/54956-e-l-james-pw-s-publishing-person-of-the-year.html>

Zalckberg, M. (2003). *A Relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Elsevier. 17ª reimpressão.